

O OITAVO IMPÉRIO: NOVAS HIPÓTESES PARA OS SÍMBOLOS DE APOCALIPSE 17

**The Eighth Empire:
New hypotheses to the symbols of Revelation 17**

Vanderlei Dorneles¹

RESUMO

Este artigo analisa os símbolos proféticos de Ap 17 com o objetivo de explorar as relações entre a besta escarlata, a primeira besta de Ap 13 e o dragão de Ap 12. O estudo é feito à luz do contexto das sete pragas e do paralelo construído entre o clímax escatológico provido por Ap 13 e 16-17, paralelo este usado como base para se sugerir uma relação entre a besta semelhante a leopardo e a meretriz, e entre a besta de dois chifres e o oitavo rei. Em seu contexto imediato, o texto de Ap 17 é considerado como uma espécie de juízo de investigação seguido da execução de sentença sobre a meretriz (Ap 18). O oitavo rei é distinguido do poder religioso e relacionado com os poderes políticos e militares.

PALABRAS CLAVE: INTERPRETAÇÃO BÍBLICA; APOCALIPSE 17; ABESTA ESCARLATE E A MERETRIZ.

ABSTRACT

This paper analyzes the prophetic symbols of Revelation 17 with the aim of exploring the relationship between the scarlet beast, the first beast of Revelation 13 and the dragon of Revelation 12. The study is done against the background of the seven plagues and the parallel built between the eschatological climax provided by Rev. 13 and 16-17, this parallel is used as a basis for suggesting a

¹ Doutor em Ciências, é editor na CPB e professor no SALT - IAENE, na Bahia.

relationship between the leopard-like beast and the harlot, and between the two-horned beast and an eighth. In its immediate context, the text of Revelation 17 is seen as a kind of investigative judgment followed the execution of judgment on the harlot (Rev. 18). The eighth king is distinguished from religious and related political and military powers power.

KEYWORDS: BIBLICAL INTERPRETATION; REVETION 17; THE SCARLET BEAST AND THE HARLOT.

INTRODUÇÃO

O capítulo 17 é uma das seções mais desafiadoras e, ao mesmo tempo, mais fascinantes do livro do Apocalipse. Um dos anjos que têm as sete taças da ira de Deus (Ap 16) chama o profeta para uma nova sequência de visões, as quais se seguem à narrativa das pragas. O anjo inicia a comunicação com o anúncio: “Mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz” (Ap 17:1).

A identidade da meretriz não tem levantado tantas discussões quanto a da besta e de suas cabeças. Uma vez que uma besta também de sete cabeças e dez chifres é descrita em Ap 13 e se torna uma figura predominante, a identificação da entidade representada em Ap 17 oferece grandes dificuldades.

Uma interpretação corrente tem sido que a besta em questão aponta para a mesma entidade representada pelo dragão de Ap 12 e a besta de Ap 13, que seria o império romano, cuja capital foi considerada a “cidade das sete colinas”, como sugere o v. 9. Essa interpretação preterista é abraçada “pela maioria dos exegetas”² e resulta numa negação do dom profético na interpretação das visões do grande conflito narradas no livro.

Outra linha de interpretação vê a besta de Ap 17 como símbolo dos poderes mundiais e o oitavo rei como um retorno do sétimo poder, ou seja, de “Roma papal”³. Nesse caso, o “oitavo rei” indicaria a fase final de atuação

2 Alan F. Johnson, in ed. Frank E. Gaebelin, *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), 12:554. Johnson acredita que a interpretação de Ap 17 influencia a interpretação de todo o livro (ibid).

3 Ver Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002), 515, 516; Francis D. Nichol, ed. *Seventh-day Adventist Bible*

dessa entidade, após a restauração de seus poderes perdidos na revolução francesa, em 1798.

Uma terceira interpretação relaciona a besta escarlate (Ap 17) ao dragão vermelho (Ap 12), sendo, portanto, uma referência ao próprio diabo em sua luta contra Deus e Seu povo, no clímax do grande conflito.⁴ Outra alternativa ainda pontua que o “oitavo rei” seria a própria besta “escarlate” e representa uma “confederação de poderes políticos e militares” em oposição a Deus no tempo do fim.⁵

Ainda uma interpretação mais popular e menos embasada teologicamente vê a besta escarlate como sendo Roma papal e considera que a criação do estado do Vaticano, em 1929, pelo Tratado de Latrão, corresponderia à cura da ferida da besta de Ap 13. Os sete reis representados pelas cabeças da besta seriam sete papas e o oitavo, portanto, seria um último papa que guardaria certas relações com seu antecessor.⁶

A multiplicidade de interpretações reflete a complexidade da visão. Um dos desafios está no fato de diversos símbolos apocalípticos serem descritos como “besta” (Ap 11:7; 13:1, 11; 17:3). A palavra gr. *therion* (“besta”) ocorre 38 vezes no livro de Apocalipse, sendo traduzida sempre como “besta”, exceto em 6:8 (“feras”). Apesar de quatro bestas principais serem mostradas a João, em geral as referências à besta são encaradas como

Commentary (Hagerstown, MD: Review and Herald, ed. rev. 1980), 7:854-856.

4 Ekkehardt Müller, “A Besta de Apocalipse 17: Uma Sugestão”, in *Parousia: Revista do Seminário Latino-Americano de Teologia*, Unasp, Engenheiro Coelho, SP, 1º semestre de 2005, 39.

5 Jon Paulien, *Armageddon at the Door* (Hagerstown: Review and Herald, 2008), 136, 212, 218; ver ed. Nichol, 7:851.

6 Patricia Ann Sunday afirma que “o Tratado de Latrão proclamou Pio XI como o primeiro santo papa/rei do império católico romano”, que “ele literalmente se tornou rei do Estado do Vaticano” em 11 de fevereiro de 1929, e que o sucessor de Bento XVI será o oitavo e último papa (ver Patricia Ann Sunday, *Nostradamus, Branham and the Little Book: God’s Masterpiece* [Bloomington, IN: AuthorHouse, 2012, 300). Barho e Mbeledogu afirmam que, uma vez que Pio XI foi o “primeiro monarca do Vaticano”, Bento XVI foi o sétimo rei/papa, e que o oitavo “não será humano” e seu reino durará somente sete anos (see Onoso Barho and Obi Mbeledogu, *The Eighth King is Here* [United Kingdom: Xlibris Corporation, 2012]). Ver também Paulien, 2008, 215, 216.

sendo àquela de Ap 13:1, a segunda das quatro.

As interpretações que identificam a besta escarlate com a primeira besta de Ap 13:1 ou Roma papal esbarram num problema claro: por fim (17:16), a besta escarlate e os “reis da terra” odeiam e destroem a meretriz (o poder religioso romano). A “confederação de poderes seculares”⁷ em vez de ser a besta escarlate pode representar a própria coalizão formada pela besta e os “reis da terra”. Assim, uma definição mais objetiva da entidade é necessária.

Um aspecto a ser levado em conta é o contexto das sete pragas no qual se visualiza a meretriz e a besta escarlate. A ideia de juízo é clara nessa seção do livro. Além disso, é preciso relacionar essa visão (Ap 17) com outras visões do livro na busca por elementos simbólicos paralelos.

Este artigo explora as evidências para as seguintes hipóteses: 1) a meretriz e a besta escarlate representam entidades distintas, religiosa e política, respectivamente; 2) o oitavo rei deve apontar para uma entidade política histórica e concreta no clímax do conflito; 3) o oitavo rei pode ser a mesma besta de dois chifres de Ap 13:11; e 4) Ap 17 mostra um juízo de investigação.

O Apocalipse é um livro do Novo Testamento, mas enraizado em imagens e linguagens do Antigo Testamento. Assim, em vista das inúmeras referências, deve-se buscar um pano de fundo para seus principais símbolos na própria Escritura hebraica.⁸

7 Ibid., 212.

8 Paulien argumenta que “o Apocalipse não pode ser entendido sem contínua referência ao AT”, pois ele é um “perfeito mosaico das passagens do AT”. As recorrentes referências ao AT no Apocalipse indicam que ele é a principal chave para abrir o significado dos símbolos do livro. O AT provê os meios para “decodificar a mensagem do Apocalipse” (Jon Paulien, “Interpreting Revelation’s Symbolism”, in ed. Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, Book 1 [Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992], 80).

A VISÃO

Apocalipse 17 se constitui de três partes principais: a fala do anjo (v. 1, 2); a visão dos símbolos (v.3-6); e uma nova fala do anjo (v. 7-18).

A visão é claramente simbólica, mas as duas falas do anjo devem ser consideradas como explicação e, portanto, são literais e temporais, no sentido de que desvendam os símbolos e ocorrem no tempo e nas circunstâncias do profeta.⁹ O anjo usa os verbos no passado ao tratar da identidade da meretriz em termos de seus pecados. Com ela se “prostituíram os reis da terra” e se “embebedaram os que habitam na terra” (v. 2). A prostituição indica idolatria (ver Ez 16, 23, Jr 51).

Na segunda fala, ao tratar com a identidade da besta, o anjo usa verbos nos três tempos fundamentais.¹⁰ Ele diz que “caíram” cinco dos “sete reis”, um “existe” e outro ainda viria (v. 10). Também diz que os “dez reis” ainda não tinham recebido reino, mas receberiam (v. 12). E completa: esses dez reis e a besta “pelejarão” contra o Cordeiro (v. 14) e “odiarão” a meretriz (v. 16).

JUÍZO DE INVESTIGAÇÃO

Na estrutura do livro, a visão de Ap 17 faz parte do conjunto de visões relativas às sete pragas (Ap 15:5–18:24), que começa com uma cena do

9 Paulien, 2008, 214, 215.

10 O uso consistente do modo verbal futuro nas explicações feitas por anjos ou por terceiros acerca de entidades por virem suporta a afirmação de que toda explicação é dada “no tempo do profeta” (ver Paulien, 2008, 214, 215; Kenneth Strand, *Interpreting the Book of Revelation* [Worthington, OH: Ann Arbor, 1979], 54). O uso dos tempos verbais em Daniel provê uma base para esse princípio (ver Dn 2:31-35 e 2:36-44; 7:1-15 e 7:16-27; 8:3-12 e 8:13-14, 19-25; 9:25-27). Exceto quando identifica os símbolos com as entidades representadas (“estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis” (Dn 7:17), ele usa o verbo no futuro de forma consistente (“... que se *levantarão* da terra” (Dn 7:17, u.p).

santuário celestial¹¹ em que o término da mediação é indicado (Ap 15:5-8). Essa seção mostra o juízo de Deus sobre os “portadores da marca da besta” (16:2; cf. 14:9, 10) e sobre a meretriz (Ap 17 e 18). A vingança divina sobre a “besta”, o “falso profeta” e o “dragão” ocorre mais tarde (Ap 19:20, 21; 20:10).

Uma vez que o anjo que fala a João é um dos “que têm as sete taças”, o “juízo” pode ser uma explicação relativa às pragas. Todas as pragas são narradas em linguagem literal, exceto a sexta (Ap 16:12-16), que fala do secamento do rio Eufrates, o que constitui um pano de fundo tirado da história do cativeiro babilônico. Isso sugere que essa praga seja o conteúdo explicado na visão subsequente. Paulien diz que Ap 17 pode ser considerado “uma exegese”¹² de Ap 16:12-16, devendo ser considerados uma unidade.

Assim, na sexta praga, a queda da Babilônia mística é representada pela queda da Babilônia antiga, quando Ciro desviou as águas do Eufrates¹³ e surpreendeu Belsazar em seu último banquete (Dn 6).

A sexta praga sugere o desfecho do Armagedom (16:16), uma luta dos poderes terrenos contra os fiéis de Deus. No auge desse conflito, Deus interfere para livrar Seu povo, provocando a queda da Babilônia, o que vai confundir a coalizão político-militar e religiosa dos oponentes. A queda do poder religioso dessa coalizão pode ser, portanto, o efeito da sexta praga, a qual é explicada em detalhes literais em Ap 18 (ver 18:2, 8, 9; cf. 17:16).

Isso permite considerar a visão da queda da Babilônia como uma sequência de juízo de investigação¹⁴ seguido de execução de sentença. Assim,

11 Richard Davidson diz que “todo o livro [do Apocalipse] é estruturado pela tipologia do santuário” (Richard M. Davidson, “Sanctuary Typology”, in ed. Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies*, Book 1 [Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992], 112); ver também Kenneth Strand, “The Eight Basic Visions”, in ed. Holbrook, 35-49.

12 Paulien, 2008, 208.

13 Ver Is 44:27; Jr 50:38; 51:36; ver também Heródoto, *The Histories*, i.191; ed. Nichol, 4:265, 533, 794; George Rawlinson, *The History of Herodotus* (Appleton & Company, 1859), 424; Daniel Potts, *Mesopotamian Civilization: The Material Foundations* (Cornell University Press, 1996), 22-23.

14 Paulien entende que “o santuário do AT e seus rituais exercem uma função es-

“Ap 17 trata primariamente com a sentença [v. 1, *krima*, ‘condenação’, ‘sentença’, ‘punição’] contra a Babilônia, e Ap 18 descreve a execução [v. 10, *krisis*] dessa sentença”.¹⁵

No contexto do grande conflito, o caráter de Deus é vindicado. Por isso, a fim de legitimar a punição da meretriz, diante do universo, Deus investiga a situação com uma testemunha terrena antes de executar a sentença.¹⁶ Assim, o capítulo 17 apresenta um expediente de investigação, com a descrição dos pecados da meretriz (v. 2, 4). O capítulo 18, por sua vez, descreve a punição: a meretriz se torna covil de “demônios” e de “aves imundas” (v. 2), sofre os flagelos de “morte, pranto e fome” e é consumida no fogo (v. 8).

Os resultados dessa sentença repercutem até o Céu. Após a visão do julgamento da meretriz, o profeta ouve uma voz de “numerosa multidão” no Céu, que diz: “Verdadeiros e justos são os Seus juízos, pois julgou a grande meretriz” e “das mãos dela vingou o sangue dos Seus servos” (Ap 19:1, 2).¹⁷

A identidade da prostituta não é tão difícil de se esclarecer quanto a da besta e do oitavo rei. Assim, na sequência, ele dá atenção primeiro ao animal e ao oitavo rei e, depois, à prostituta.

IDENTIDADE DA BESTA

Em seus aspectos estruturais, a besta de Ap 17 se relaciona com o dragão vermelho (12:3) e com a besta de Ap 13. A relação entre a besta

trutural na organização do livro do Apocalipse” (Jon Paulien, *The Deep Things of God* [Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004], 124).

15 Ed. Nichol, 7:864.

16 Um expediente de investigação antes da execução de uma sentença é comum na Bíblia (ver Gn 3:9; 4:10; 6:5; 11:5; 19:1; ver também Gerhard F. Hasel, “Juízo Divino”, in Raoul Dederen, *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), 908-911, 935).

17 A meretriz de Ap 17 reproduz a figura de Jezabel: ambas praticam prostituição (2Rs 9:22; Ap 17:2, 4, 5); derramam sangue de santos e profetas (2Rs 9:7; Ap 17:6; 18:20, 24); e têm a carne comida (1Rs 21:23; 2Rs 9:36; Ap 17:16).

escarlata e o diabo não deve ser de identificação, já que animais, bestas e chifres representam poderes políticos seculares (ver Dn 7:17, 24, 8:20, 21).

João usa 13 vezes o substantivo gr. *drákon*, “dragão”, e 4 vezes *ophis*, serpente, de forma intercambiável em referência ao diabo. O uso desses termos no AT pode sugerir o que estava na mente de João ao usar o substantivo *drákon* e ao descrever os três animais de sete cabeças e dez chifres. Os elementos mais predominantes do dragão de Ap 12 e das bestas de Ap 13:1 e 17 são as sete cabeças e os dez chifres. De forma que as três figuras podem ser vistas como um mesmo símbolo que se reconfigura em cada novo aparecimento. Nas três visões, a estrutura é a mesma, mas ela recebe alterações de detalhes de acordo com o contexto focado em cada visão.

A figura do dragão, como representação das forças opositoras a Deus, é comum no AT, assim como a da serpente. Curiosamente, o dragão é relacionado ao Egito e à Babilônia, dois impérios presumivelmente representados nas cabeças da besta (Ap 17). No protoevangelho, o Filho da mulher esmagaria a cabeça da “serpente”, heb. *nachash* (Gn 3:15, *ophis*, LXX). No êxodo, Deus esmagou a cabeça de *tannyin* (*drákon*, na LXX; Sl 74:13, 14; Is 51:9; ver Ez 29:3; 32:2), que é traduzido por “monstro marinho”, “dragão” e “serpente”. Babilônia é chamada de *tannyin* (*drákon*, na LXX), o qual esmagou Judá, mas que seria destruído pelo Senhor (Jr 51:34, 36, 37). No dia do Senhor, Ele esmagará *tannyin* (*drákon*, na LXX) e o *livyathan* (*drákon*, na LXX), bem como a “serpente”, que é *nachash* (*ophis*, na LXX; Is 27:1) de forma definitiva (Is 11:11 menciona especificamente o Egito, a Assíria e Babilônia [“terra de Sinar”], como poderes a serem atingidos no dia do Senhor). No Apocalipse, a salvação é consumada quando o “dragão” (gr. *drákon*), ou a “serpente” (gr. *ophis*), que foi expulso do Céu (12:7-9) e perseguiu a mulher (12:17) for derrotado por Cristo no “lago de fogo” (20:2, 10).¹⁸

18 A LXX usa o substantivo gr. *drákon* 30 vezes para traduzir o heb. *tannin*, que é “dragão”, “serpente”, “monstro marinho”, e o heb. *livyathan*, que é “dragão”, “leviatã”,

A figura descrita por João nos cap. 12, 13 e 17, como um dragão ou uma besta, pode ser uma reprodução da figura de *tannin* ou do *livyathan* (o monstro de sete cabeças da mitologia cananeia que representava as forças do mal¹⁹) e de *ophis* do AT. Isso estaria em harmonia com a ideia de que o Apocalipse está enraizado na linguagem e no sistema de imagens do AT. Se for esse o caso, então a própria Bíblia provê claramente a identificação para três das entidades representadas nas cabeças do monstro: Egito, Assíria e Babilônia.²⁰

Caso João tivesse em mente o *tannin* e o *livyathan* do AT, como representação das forças satânicas, ao usar os termos *drákon* e *therion* para descrever as feras que viu, a reconfiguração desse símbolo nas visões de Ap 12, 13 e 17 ocorre em função de uma nova perspectiva visualizada em cada visão. No cap. 12, o foco é o império romano, ou a sexta cabeça; no 13, é o império dos papas, a sétima cabeça;²¹ e no 17, o foco seria o clímax escatológico, com o oitavo rei, ou um foco amplo que cobriria toda a história, levando-se em conta a perspectiva de juízo de investigação já sugerida.

“monstro marinho”. Usa também *ophis* 29 vezes, para traduzir o heb. *nachash*, “serpente” ou “cobra”, e o heb. *epheh*, “víbora” ou “cobra”.

19 Ver ed. Nichol, 4:206.

20 A interpretação de que os “sete montes” (v. 9) são as sete colinas de Roma contraria a lógica de que a besta e a meretriz representam realidades distintas. A palavra gr. *oros* deve ser traduzida por “montes” ou “montanhas”. A NVI a traduz por “colinas”, mas, nesse caso, “uma exegese prévia influenciou a tradução” (Johnson, 559). Os sete “montes” devem ser considerados como na mentalidade hebraica, ou seja, como reinos (ver Is 37:32; ver também Sl 48:2; Jr 51:25, Dn 2:35; 9:20, Zc 4:7). O mesmo ocorre com o termo “rei”, que os judeus usavam como equivalente de “reino” (ver Dn 7:17; 8:21, 23). Sobre a relação entre os “montes” e a igreja romana, Johnson ainda argumenta que esses símbolos “pertencem à besta [poder político] e não à meretriz [poder religioso]” (Johnson, 560; ver Ed. Nichol, 7:851).

21 A afirmação do anjo de que o sétimo reino (Roma papal) teria de durar “pouco” (1.260 anos!) pode ser entendida da perspectiva da garantia da vitória dos fiéis de Deus alcançada na cruz e não do ponto de vista do tempo cronológico. O adjetivo “pouco” (gr. *oligon*, v. 10) é usado em Apocalipse, ao se afirmar que o diabo, após a cruz, sabia que tinha “pouco tempo” (*oligon kairon*, 12:12). Por outro lado, ao falar que o dragão será solto após o milênio, mas por “pouco tempo”, João usa *mikron krónon* (20:3), indicando um tempo cronometrado (ver 1Pe 1:6, que também usa *oligon* no sentido de tempo não cronometrado).

Nas três fases mostradas a João, o poder por trás das entidades representadas é o próprio Satanás, agindo por meio de um poder terreno e histórico. Assim, o poder satânico materializado num império perseguidor parece ser a realidade representada pela figura da besta e do dragão, sendo que esse poder levanta-se e cai a cada novo império.²² Que a estrutura básica do símbolo possa ser a mesma é indicado no fato de que o “dragão vermelho” luta contra Cristo no período do império romano (12:4), persegue a igreja durante o período do papado medieval (12:13, 14) e o remanescente no fim dos tempos (12:17). Em cada uma dessas fases, uma diferente cabeça do monstro está em atuação. Apenas uma cabeça atua em cada uma das fases da imagem. Apocalipse 13:3 diz que “uma de suas cabeças” foi ferida de morte, naturalmente a sétima, que atuou nessa fase da história. Essas três fases correspondem às duas últimas cabeças da besta e, possivelmente, ao “oitavo rei”.

O AT, portanto, provê a identificação das primeiras cabeças do dragão e da besta ao usar a palavra *tannin* e *livyathan* em referência ao Egito e Babilônia. Também inclui a Assíria, ao afirmar que Deus se levantará contra os inimigos de Seu povo no dia do Senhor (Is 11:11). Como a explicação da visão de Ap 17 (v. 10) é feita no tempo do profeta, no primeiro século, cinco desses poderes já tinham passado (Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia), um existia (Roma) e o sétimo ainda viria (Roma papal).²³

A identificação das entidades representadas pelas cabeças do dragão e da besta tem, portanto, uma base sólida no AT, de onde são extraídas as principais figuras descritas nas visões de João.

O OITAVO REI

22 Isso se ajusta à definição do anjo de que a besta “era e não é, está para emergir” (v. 8, 11), uma paródia em relação à pretensão do dragão de ser como Deus, “aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1:4, 8; 4:8), o único “Eu Sou” (Êx 3:14).

23 Ver Paulien, 2008, 218; ed. Nichol, 7:855; Kenneth A. Strand, “The Seven Heads: Do They Represent Roman Emperors?”, in ed. Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation*, Book 2 (Silver Spring: Biblical Research Institute, 1992), 191.

Em Ap 17:11, o anjo acrescenta uma informação, além da visão recebida pelo profeta, ao afirmar o aparecimento de um oitavo elemento: “E a besta [...] também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete” (v. 11).

O texto de Ap 17:11 tem sido traduzido de diferentes formas em função da partícula gr. *kai* que precede o pronome *autós* (“ele”) e o adjetivo ordinal *ogdoós* (“oitavo”). A NVI ignora a partícula e diz: “A besta que era, e agora não é, é o oitavo rei.” A KJV a traduz por “even”: “And the beast that was, and is not, even he is the eighth.” A NKJV, por “also”: “The beast that was, and is not, is himself also the eighth.” As versões portuguesas por “também”: “E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei” (ARA). A partícula *kai*, conjunção “e”, também é usada como advérbio, e nesse caso pode ser traduzida por “também” ou “igualmente” (ver Mt 5:39f; 5:46; 12:45f; Mc 8:7; At 13:9).

Assim, a tradução da NKJV e da ARA parece mais ajustada ao contexto, uma vez que a besta ou o dragão é o poder em ação em cada uma das cabeças ou dos “reis”. O sentido, então, seria de que ela é cada uma das sete cabeças/reis e é *também* um oitavo. Isso estaria em conformidade com o *background* da figura do dragão de sete cabeças, que no AT é associado ao Egito e Babilônia, dois dos impérios. Interpretar que a própria besta é o oitavo sugere que ela não é cada um dos sete reis anteriores. Isso implica separar a besta de suas próprias cabeças, o que seria estranho à unidade do símbolo.

A ausência do artigo definido antes do adjetivo ordinal masculino *ogdoós* (“oitavo”) não favorece necessariamente a ideia de que esse oitavo rei seja a própria besta (gr. *therion*, que é um substantivo neutro)²⁴. Essa ausência do artigo significa simplesmente que este é um elemento novo na visão. Cada vez que João descreve algo pela primeira vez, ele o faz sem o artigo definido (ver Ap 12:1, 3; 13:1, 11; 17:3). Sendo que o adjetivo *ogdoós*

24 Ver ed. Nichol, 7:856.

é masculino, ele pode ser relacionado aos “reis” (gr. *basileus*, substantivo plural masculino). Nesse caso, no contexto da descrição dos sete reis (v. 10, 11), seria mais natural ver o “oitavo” como mais um rei/império histórico do que como a própria besta.

O fato de o anjo dizer que cinco reis já haviam caído, um existia e o sétimo ainda viria (v. 10) sugere uma relação consecutiva e de semelhança entre os sete reis e o oitavo elemento. Além disso, ele acrescenta que o oitavo “procede” (gr. *ek*, “procedência”, “origem”) dos sete. Nesse caso, um oitavo império, proveniente dos sete, **é previsto. A besta não pode proceder dos sete impérios.**

Se a besta é “*também* um oitavo”, conclui-se que ela é cada um dos impérios representados por suas sete cabeças.²⁵ Nesse caso, ela representaria o poder imperial ou as “agências políticas” que, ao longo da história, se opõe a Deus.²⁶ Sendo usado pelo inimigo de Deus, cada um dos impérios mundiais, no momento em que se torna perseguidor do povo de Deus, pode ser visto como a materialização do governo de Satanás no mundo. Assim, “cada cabeça da besta é uma encarnação parcial do poder satânico que governa o mundo por um período”.²⁷ Os impérios podem ser usados por Deus, para apoiar o remanescente, como ocorreu com o Egito e a Pérsia. Mas, para todos eles, há um momento crucial em que passam a agir em prol da causa do dragão.

Os sete impérios afrontaram a Deus de alguma forma. O faraó do Egito questionou a Moisés: “Quem é o SENHOR para que Lhe ouça a voz e deixe

25 Um símbolo unificado para representar diversos impérios, como se fossem um só, já é visto em **Daniel 2**, na estátua vista por Nabucodonozor cujos elementos (ouro, prata, bronze, ferro e barro) são destruídos pela pedra que cai do céu, sugerindo que os impérios passam, mas o poder por trás deles dura até a chegada do reino de Cristo, quando será destruído completamente.

26 “A besta em si mesma pode ser identificada com o trabalho de Satanás através das agências políticas, em todos os tempos, que se submetem ao seu controle” (SDABC, 7:851; ver também Stefanovic, 515).

27 Robert L. Thomas, *Revelation 8–22: An Exegetical Commentary* (Chicago, IL: Moody Press, 1995), 292.

Israel ir?” (Êx 5:2). O rei assírio Senaqueribe cercou Jerusalém e desafiou o “Senhor”, afirmando que Yahweh não poderia livrar Judá de suas mãos (2Rs 18:13, 30-35). Nabucodonozor ameaçou os judeus, dizendo: “Quem é o deus que poderá livrar-vos das minhas mãos” (Dn 3:15). Na Pérsia, Hamã quis exterminar os judeus (Et 3:8). O selêucida Antíoco matou judeus e profanou o templo. Roma crucificou a Cristo e destruiu Jerusalém. Acerca de Roma papal, se indagaria: “Quem é semelhante à besta?” (Ap 13:4). Por sua vez, a besta de dois chifres fará com que a terra e seus habitantes “adorem” a primeira besta (13:12) e condenará à morte os que não fizerem isso (13:15).

VISÕES PARALELAS

A relação do juízo da meretriz com a sexta praga lança luz adicional sobre Ap 17, no sentido de possibilitar uma mais ampla exploração das entidades retratadas nos símbolos da meretriz e da besta escarlata. Nessa praga, o mundo aparece completamente polarizado entre os inimigos de Deus e o remanescente. Os inimigos integram a coalizão feita pelo dragão, a besta e o falso profeta (16:13) que incorpora também os “reis do mundo inteiro” (16:14). O remanescente é composto pelo grupo que “vigia e guarda” para andar retamente diante de Deus (16:15). No Armagedom, portanto, os inimigos que desafiam o “Deus Todo-Poderoso” (16:14) reúnem os poderes religiosos da Terra representados pelo dragão, a besta e falso profeta (cristãos professos e espiritualistas) e os poderes políticos e militares representados pelos “reis do mundo inteiro”.

Esses dois grupos são representados diversas vezes no Apocalipse, porém mais claramente no contexto do clímax do grande conflito descrito em Ap 13 e 16-17. No cap. 13, esse grupo opositor é representado por dois símbolos: a primeira besta, então curada de sua ferida mortal, e a besta de dois chifres (ver 13:11-17). No 17, o mesmo grupo é representado por dois

outros símbolos: a meretriz e a besta escarlate juntamente com os “dez reis”. Do cap. 13 para o 16-17, há uma progressão em que a entidade representada pela primeira besta torna-se um poder apenas religioso e se expande para incorporar “espiritismo” e “protestantismo”,²⁸ como sugerido em 16:13, formando a Babilônia (17:5). Por sua vez, a besta de dois chifres passa a incorporar também “os reis da terra” (16:14; 17:12, 16).

Essa ampliação na descrição das entidades justifica a mudança nos símbolos.²⁹ De forma que a besta de sete cabeças (poder religioso) é mostrada em Ap 17 na figura da meretriz, e a besta de dois chifres (poder político) é substituída por outro símbolo: o oitavo rei.

Assim, considerando o contexto comum do clímax do grande conflito e do Armagedom, em que os inimigos de Deus assumem essa composição política e religiosa, os cap. 13 e 16-17 de Apocalipse podem ser postos em paralelo, de modo que a primeira besta está para a meretriz, assim como a besta de dois chifres está para o oitavo rei, consideradas as mudanças na configuração das entidades em questão e as ampliações na descrição das mesmas. Ver quadro:

OS PODERES OPOSITORES NO CLÍMAX DO CONFLITO

	PODERES RELIGIOSOS	PODERES POLÍTICOS
Ap 13:11-17, 8: CRISE FINAL	PRIMEIRA BESTA RESTAURADA	BESTA DE DOIS CHIFRES + TERRA E SEUS HABITANTES

28 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 588-589; ver Paulien, 2008, 160-165, 173.

29 A mudança de símbolos é comum na profecia apocalíptica, quando se deseja ampliar ou mudar o espectro da revelação. Em Daniel 2, uma sequência de impérios (Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma e Roma papal) é representada pela estátua de ouro, prata, bronze, ferro e barro. A mesma sequência é retratada em Daniel 7 por quatro animais: leão, urso, leopardo e o quarto animal. Já em Daniel 8, os três últimos poderes são representados por um carneiro, um bode e um “chifre pequeno”.

Ap 16:12-16 ARMAGEDOM	DRAGÃO, BESTA E FALSO PROFETA	REIS DO MUNDO INTEIRO
Ap 17:12-15 A ÚLTIMA PELEJA	MERETRIZ	BESTA ESCARLATE: OITAVO REI + DEZ REIS

Os símbolos apocalípticos parecem ser usados de forma consistente ao representar os poderes religiosos e os políticos e militares, no sentido de que os animais ou bestas representam poderes seculares, e animais com características humanas ou pessoas representam os poderes religiosos.

Em Daniel 7, os animais que representam os poderes políticos babilônico, persa e grego não têm características humanas. Já o chifre pequeno, do quarto animal, que representa o poder político-religioso papal tem “olhos, como os de homem” e “uma boca que falava” (Dn 7:8). No Apocalipse, a besta símbolo do poder papal tem uma boca que profere “blasfêmias contra Deus” (Ap 13:6). Mas a segunda besta, símbolo do poder político americano, não tem características humanas. Em Ap 17, uma mulher representa o poder religioso, mas a besta escarlata não exhibe nada de humano, o que a relaciona com os poderes políticos e militares. Nesse caso, como um símbolo descrito por João, a besta representa o poder religioso somente no período histórico aludido em Ap 13:1-10, quando os inimigos de Deus incorporam tanto o poder religioso quanto o político.

O paralelo entre a descrição do clímax do grande conflito provida por Ap 13 e 16-17 permite avançar ainda mais na relação entre o oitavo rei e a besta de dois chifres. A besta escarlata “leva” (17:7; gr. *bastazo*, “carregar”, “conduzir”) a meretriz na qual esta está “montada” (v. 3). A besta de dois chifres faz uma imagem à primeira besta e restaura sua ferida (Ap 13:14), ou seja, a segunda besta se coloca a serviço da primeira. A besta escarlata, que também é o oitavo rei (17:11), lidera os “dez reis” (nações modernas; conjunto multipolar de povos) em sua investida contra o Cordeiro, na

peleja final (17:14). A besta de dois chifres lidera os que “habitam na terra” (13:14) e os “reis do mundo inteiro” (16:14) contra Deus e Seu povo, no Armagedom. Assim, nesses dois cenários, há a previsão de uma “grande coalizão” de poderes seculares, a serem liderados, segundo o cenário de Ap 13, pela besta de dois chifres e, segundo Ap 17, pela besta escarlate ou o oitavo rei.

Por outro lado, o clímax do conflito descrito em Ap 13:11-17 não seria possível sem o papel desempenhado pela besta de dois chifres, pois é ela que restaura o poder da primeira besta, lhe faz uma imagem e impõe suas leis sobre a face da Terra. Se a crise final é desencadeada pelo surgimento da besta de dois chifres, em Ap 13, ela precisa necessariamente ser visualizada no cenário da crise final descrito em Ap 17.

O anjo declara ainda que a besta escarlate (poder político e militar), apoiada pelos dez reis, destruirá a meretriz (poder religioso). No desfecho do conflito, a proclamação final das três mensagens angélicas (Ap 14:6-10) por parte do remanescente provocará o desmascaramento da meretriz e contribuirá para sua conseqüente queda, cujo clímax se dará na sexta praga. As “águas” que se “secam” (v. 17:15) apontam para a retirada do apoio das nações (13:14; 16:14; 17:12, 13). Assim, as nações outrora unidas em favor da Babilônia não só deixarão de apoiá-la, mas a destruirão (17:16).³⁰ Dentre as nações seduzidas pela meretriz, a mais forte é aquela representada pela besta de dois chifres, ou seja os Estados Unidos.

Deve-se notar também que o quadro de Ap 17 de uma besta de sete cabeças mais um oitavo rei permite um paralelo ainda mais claro com Ap 13, em que João também descreve *oito* reis/impérios, com o quadro de uma besta de sete cabeças mais uma besta de dois chifres, ou um oitavo poder. Considerando o papel essencial que essa besta desempenha na crise final,

30 A ira de Deus sobre a meretriz será executada por meio de seus próprios aliados que também são inimigos de Deus. No AT, Deus usou a Babilônia antiga para executar Seu juízo sobre Judá (2Rs 24:1-20; Jr 20:4), e a Pérsia, para se vingar de Babilônia (Is 13:19; 34:14).

era de se esperar que ela fosse referida em Ap 17 cujo foco é o clímax do conflito. Uma vez que os Estados Unidos não são representados numa das sete cabeças da besta principal em Ap 13, é também natural que em Ap 17 esse poder seja representado como um oitavo, ou um adendo, na sequência dos sete anteriores e distinto deles.

Por outro lado, o que torna os Estados Unidos um poder perseguidor, na crise final, é o fato de nessa nação se reproduzir um fenômeno próprio de uma das cabeças da besta, a sétima, que representa um poder terreno formado pela união da Igreja e do Estado. Assim, quando os Estados Unidos formalizarem uma união da Igreja (protestante) com o Estado (republicano), estará então reproduzida a “imagem da besta” (Ap 13:14) nessa nação protestante.³¹ De modo que o poder que essa nação exerce na crise final pode ser adequadamente descrito como uma duplicação ou reprodução da sétima cabeça. Então, o oitavo rei não seria um que destruirá o sétimo, mas um desdobramento deste. Essa relação entre o oitavo rei e o sétimo pode justificar a expressão de que ele “é dos sete” (Ap 17:11, KJV, ARC) ou de que ele “procede dos sete” (ARA). João diz que a entidade representada pela segunda besta (EUA) “exerce todo o poder da primeira besta na sua presença e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta” (Ap 13:12). Assim, uma relação de cooperação e desdobramento entre os dois supostos últimos reis já estava estabelecida em Ap 13, e essa relação é possível pela união da igreja com o estado. Essa união é representada em Ap 13 pela cooperação entre a besta de dois chifres e a primeira besta, e em Ap 17 pela mulher (igreja) montada na besta (estado).

Sendo que as cabeças da besta escarlate de Ap 17 representam sete reis/impérios mundiais (Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma e

31 Ellen G. White explica que a união da Igreja com o Estado levará os Estados Unidos à formação de uma imagem da besta. “Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América do Norte protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana” (*O Grande Conflito* [Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988], 445).

Roma papal), o oitavo rei pode ser, portanto, o poder americano, conforme representado pela besta de dois chifres em Ap 13:11. Nesse caso, o “oitavo rei” seria o último império a exercer poder sobre os fiéis de Deus.³²

Essa relação entre o oitavo rei e a besta de dois chifres não descarta a relação entre o oitavo rei e o dragão/besta escarlate, mas procura especificar de que forma e por meio de quem o dragão deverá agir no clímax do conflito. Essa interpretação é condizente com o que a própria Escritura provê em termos de identificação para os reis/impérios, ao relacionar o dragão com os mesmos. No êxodo, o Egito é o *drákon* que Deus esmagou nas águas do Mar Vermelho (LXX: Sl 74:13, 14; Is 51:9; Ez 29:3, 32:2). No cativeiro, Babilônia é o *drákon* que esmagava Israel (LXX: Jr 51:34). Roma pagã é representada pela figura do *drákon* (Ap 12:3, 9). Roma papal recebe poder e trono do *drákon* (Ap 13:2) e a Besta de dois chifres (EUA) fala como o *drákon* (Ap 13:11).

Esta hipótese é também coerente com o contexto de Ap 17. João diz que a besta e seus aliados (os dez chifres) odiarão a meretriz e a destruirão (v.16).³³ Se a besta e os dez chifres/reis são vistos como o poder político que é enganado pelo poder religioso no fim dos tempos, isso seria coerente com a previsão de que a besta e os dez reis destruirão o poder religioso que os enganou. Este seria o efeito da sexta praga que está sendo explicada em Ap 17 e 18.³⁴

32 Sobre o desenvolvimento da interpretação adventista acerca da besta de dois chifres de Ap 13:11, ver Uriah Smith, *The United States in the Light of Prophecy; or, An Exposition of Rev. xiii, 11-17* (Battle Creek, MI: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1876); L. A. Smith, *The United States in Prophecy* (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1914). See also Vanderlei Dorneles, *O Último Império* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), 33-52.

33 A tradução “e os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta” (ARC) não é consistente com o contexto porque os v. 12 e 13 dizem que os dez reis não têm poder sem a besta. Eles exercem seu papel com e através da besta. Assim, a tradução “os dez chifres que viste e a besta, este odiarão a meretriz” (ARA) é mais clara à luz da descrição anterior sobre a relação entre os reis e a besta.

34 Ellen G. White diz que os inimigos do povo de Deus chegarão perto de destruí-lo na grande tribulação. Mas, finalmente, eles vão usar suas armas para destruir seus próprios líderes espirituais (o poder religioso). Presumivelmente, ela está descrevendo o efeito da

Além de o oitavo rei ser “procedente” dos sete, todos eles mantêm certas relações entre si. Isso sugere que, ao longo da história, em certo período, eles são um poder comum em oposição a Deus,³⁵ no sentido de que Satanás é o agente que atua por trás de cada cabeça da besta. Os impérios representados pela besta compartilham símbolos, ideais, mitos, crenças e, sobretudo, uma visão comum de seu pretense papel na manutenção da ordem do mundo.³⁶ Por isso, são representados por uma mesma besta de sete cabeças. “A imagem de uma besta de sete cabeças representa uma besta que vive, morre e torna a viver sete ou oito vezes.”³⁷

A MERETRIZ

A mulher pura nas Escrituras aponta para a igreja verdadeira tão claramente quanto a vulgar revela a religião corrompida. O símbolo da meretriz desperta menos debates do que o da besta escarlata, sendo relacionado à religião cristã apostatada. No entanto, se Ap. 17 e 18 apresenta um juízo de investigação em que a identidade e a obra dos inimigos e Deus são reveladas a fim de se justificar a sentença a ser executada (Ap. 18), e sendo que Ap. 18:24 diz que a meretriz é culpada do sangue “de profetas, sexta praga, porque isso vai acontecer após o encerramento da intercessão e antes da segunda vinda de Jesus (ver White, *O Grande Conflito*, 637, 639, 640, 655, 656).

35 O chamado Grande Selo dos Estados Unidos, estampado na cédula de um dólar é uma evidência dessa relação entre os impérios. O selo representa a integração de elementos culturais dos impérios egípcio, grego, persa, babilônico e romano no império americano. Seus principais itens são: **1) a pirâmide truncada egípcia muito usada pela maçonaria;** **2) o olho da Providência, ou o olho de Hórus, deus solar filho de Osíris e Ísis**, na mitologia egípcia; 3) a águia de cabeça branca, que era o pássaro de Zeus na mitologia grega e representava a descida do deus à Terra na crença egípcia; 4) os mottos “annuit coeptis”, “novus ordo seclorum” e “e pluribus unum”, tirados de Virgílio, poeta romano (ver David Ovason, *The Secret Symbols of Dollar Bill* [New York, NY: Harper Collins, 2004]. O desenho da águia, no selo, faz referência ao chamado “Faravahar”, uma efígie persa que simbolizava a luz celestial em torno dos reis, heróis e santos da Pérsia, e também à águia romana.

36 Ver Dorneles, 89-115; ver também Manly Hall, *The Secret Destiny of America* (New York: Penguin, 2008).

37 Paulien, 2008, 211.

de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra”, ela já devia existir antes da era cristã.

Além disso, observando os tempos verbais na visão, o anjo diz a João que com ela se “prostituíram” os “reis da terra” e com seu vinho se “embebedaram” os que “habitam na terra” (v. 2). Os verbos conjugados no passado, no tempo de João, apontam para a relação mantida pela meretriz com os reis/impérios que tinham existido até então, do Egito até Roma.

João viu que a meretriz estava “montada” na besta escarlate (17:3), e o anjo disse que ela estava “sentada” sobre muitas águas (17:1, 15) as quais representam povos e nações (17:15). Ela também está “sentada” nos sete montes, que são os sete impérios. O verbo grego usado nesses versos é o mesmo: *kathemai*. Para Johnson, “Babilônia é encontrada onde quer que haja engano satânico”.³⁸ A meretriz, nesse caso, revela uma religião perversa que esteve difundida em todos os impérios, embora tenha sua manifestação mais plena e final na Babilônia mística dos últimos dias, o que justifica o contexto escatológico em que é vista pelo profeta. Nesse sentido, a Babilônia mística pode ser considerada como representativa da “religião apóstata ao longo da história”, embora “Babilônia, a grande, designa em sentido especial as religiões apóstatas no tempo do fim”.³⁹

O juízo divino traz à memória todos os profetas e santos mortos ao longo da história e os vinga sobre a meretriz, cujo incêndio faz prantear os próprios “reis da terra” (18:9, 10, 18).

O anjo diz que a meretriz embebedou os que “habitam na terra” com seu vinho. No AT, o vinho é um bloqueador do discernimento espiritual. Deus ordenou aos sacerdotes que não usassem vinho a fim de que pudessem fazer “diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo” e para que fossem capazes de “ensinar” aos filhos de Israel os “estatutos” do Senhor (Lv 10:9-11). Num tempo de apostasia, Isaías diz que sacerdotes e profetas, por causa do “vinho” e da “bebida forte”, se desencaminhavam e

38 Johnson, 12:554.

39 Ed. Nichol, 7:851, 852.

erravam “na visão e tropeçam no juízo” (Is 28:7). Se João está usando uma metáfora extraída do AT, o vinho de Babilônia deve representar as heresias com as quais ela embotou o juízo e desencaminhou os reis e os povos da Terra (ver Jr 51:7).

O culto ao sol e a crença na imortalidade da alma são encontrados em todos os impérios, desde o Egito. “O culto do sol era difundido e sua deificação foi uma fonte de idolatria em cada parte do mundo antigo.”⁴⁰ Richard Rives afirma que egípcios, assírios, babilônios, medos e persas, gregos e romanos foram todos adoradores do sol.⁴¹ A proibição feita por Moisés atesta da atração desse culto naquele tempo (Dt 4:19). No Egito, o extenso e dispendioso ritual de embalsamamento mostra a vitalidade da crença na imortalidade nesse primeiro império, a qual reporta ao Éden e se difundiu por toda a terra.⁴²

Assim, o vinho de Babilônia pode ser uma representação da santidade do dia do sol e da imortalidade da alma, a mentira primordial.⁴³ Essas duas heresias funcionaram ao longo da história como uma poção mágica nas mãos da meretriz para seduzir os “reis” e os povos da Terra.

CONCLUSÕES

As visões narradas em Ap 17 e 18 podem ser vistas como revelações adicionais e explicativas sobre a sexta praga e tratam com a queda da Babilônia mística. Há uma sequência de juízo de investigação (Ap 17) seguido de execução da sentença (Ap 18). A meretriz e a besta escarlate parecem revelar entidades diferentes constituintes do grupo dos inimigos de Deus no clímax do grande conflito, contra os quais Deus executa juízos.

40 William T. Olcott, *Sun Lore of All Ages* (New York: Putnam’s Sons, 1914), 142.

41 Richard Rives, *Too Long in the Sun* (Charlotte, NC: Partakers, 1999).

42 Ver Samuele Bacchiocchi, *Crenças Populares* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), 50-60.

43 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 2:68, 118.

Após a investigação retratada no cap. 17, o Apocalipse mostra a execução da sentença divina primeiramente sobre a meretriz (18:20), depois sobre a besta (escarlate) e o falso profeta (19:20) e, por fim, sobre o dragão (20:10).

As semelhanças entre a besta escarlate, o dragão vermelho e a besta semelhante a leopardo sugere que o diabo é o poder por trás de todos os impérios que, ao longo da história, se opuseram a Deus e a Seu povo. O paralelo entre o clímax escatológico descrito em Ap 13 e 16-17 favorece a comparação entre a primeira besta e a meretriz, bem como entre a besta de dois chifres e o oitavo rei. Este oitavo rei pode ser visto como um poder político e militar escatológico que, sucedendo os sete primeiros, seria o poder americano.

A meretriz é culpada do sangue de santos e profetas (18:24) de toda a história, e o juízo de investigação retoma seus pecados desde o primeiro império, o Egito.

Essa visão do poder imperial como um poder comum que, ao longo da história, se opôs a Deus, torna bastante apropriadas as palavras de Daniel a Nabucodonosor, acerca da pedra que caiu nos pés da estátua, sendo *então* “esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha”, e “o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios”. Mas “a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha [reino], que encheu toda a terra” (Dn 2:35, 45).

O reino de Cristo, ao ser estabelecido, não herdará nada dos anteriores, mas destruirá para sempre todas as obras humanas que os diferentes impérios compartilharam ao longo da história.

REFERÊNCIAS

ANN SUNDAY, Patricia, **Nostradamus, Branham and the Little Book: God’s Masterpiece**. Bloomington: AuthorHouse, 2012.

BACCHIOCCHI, Samuele. **Crenças Populares**. Tatuí: Casa Publica-

dora Brasileira, 2012.

BARHO, Onoso; MBELEDOGU, Obi. **The Eighth King is Here**. United Kingdom: Xlibris Corporation, 2012.

DAVIDSON, Richard M. **Sanctuary Typology**, in ed. HOLBROOK, Frank B. **Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies**. vol 1. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1992.

DORNELES, Vanderlei. **O Último Império**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

HALL, Manly. **The Secret Destiny of America**. New York: Penguin, 2008.

HASEL, Gerhard F. **Juízo Divino**, in DEDEREN, Raoul. **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

JOHNSON, Alan F. in ed. GAEBELEIN, Frank E. **The Expositor's Bible Commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

MÜELLER, Ekkehardt. **A Besta de Apocalipse 17: Uma Sugestão**, in **Parousia: Revista do Seminário Latino-Americano de Teologia**. Engenheiro Coelho: UNASP, 2005.

NICHOL, Francis D. **Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Hagerstown: Review and Herald, 1980

OLCOTT, William T. **Sun Lore of All Ages**. New York: Putnam's Sons, 1914.

OVASON, David. **The Secret Symbols of Dollar Bill**. New York: Harper Collins, 2004.

PAULIEN, Jon. **Armageddon at the Door**. Hagerstown: Review and Herald, 2008.

PAULIEN, Jon. **Interpreting Revelation's Symbolism**. HOLBROOK, Frank B. **Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies**. vol. 1. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1992.

PAULIEN, Jon. **The Deep Things of God.** Hagerstown: Review and Herald, 2004.

POTTS, Daniel. **Mesopotamian Civilization: The Material Foundations.** Cornell University Press, 1996.

RAWLINSON, George. **The History of Herodotus.** Appleton & Company, 1859.

RIVES, Richard. **Too Long in the Sun.** Charlotte: Partakers, 1999.

SMITH, Uriah. **The United States in the Light of Prophecy; or, An Exposition of Rev.** Battle Creek: Steam Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1876.

SMITH, L. A. **The United States in Prophecy.** Nashville: Southern Publishing Association, 1914.

STEFANOVIC, Ranko. **Revelation of Jesus Christ.** Berrien Springs: Andrews University Press, 2002

STRAND, Kenneth A. **The Seven Heads: Do They Represent Roman Emperors?** in ed. HOLBROOK, Frank B. **Symposium on Revelation**, vol. 2. Silver Spring: Biblical Research Institute, 1992.

STRAND, Kenneth, **Interpreting the Book of Revelation.** Worthington: Ann Arbor, 1979.

THOMAS, Robert L. **Revelation 8–22: An Exegetical Commentary.** Chicago: Moody Press, 1995.

WHITE, Ellen G., **Mensagens Escolhidas.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.